

O feijão com arroz no léxico e na cultura brasileira


Los frijoles con arroz en el léxico y la cultura brasileña

* Artigo de revisão

Márcia Tscherkas *

Enviado: December 15, 2023
Aceitaram: February 10, 2024
Publicados: February 13, 2024

Como citar este artigo:

Tscherkas, M.(2024). O feijão com arroz no léxico e na cultura brasileira. *Enletawa Journal*, 17(1), 1-38.e 17206  <https://doi.org/10.19053/2011835X.17206>

* Maestra en Educación del instituto Universitario Veracruzano. Especialista en portugués como lengua extranjera de la Pontífice Universidad Católica de Río de Janeiro, Brazil. mtscherkas@uv.mx  <https://orcid.org/0009-0003-7188-4261>



Abstrack

Food is, above all, culture. If we consider language as a vehicle, a product, and a producer of culture (Galisson, 1991 citado por Barbosa, 2009), it is essential to combine language and culture in foreign language teaching. Thus, we decided to carry out work on the text genre: chronicle, to analyze the occurrence of lexis that is culturally marked by the main dish of Brazilian cuisine: *feijão com arroz* (beans and rice). In addition to gastronomy, we can find other uses of *feijão com arroz*, such as the sense of being complete, the same, trite, and trivial, and also identify if there is a difference in word order: beans and rice vs. rice and beans in Brazilian sense of humor in four Brazilian chronicles. Considering the context, this material could be relevant for the study of the teaching and learning portuguese as a foreign language.

Keywords: lexical culture, shared cultural load, culture, interculturality, feeding, feeding, Chronicles, PL2E teaching.

Resumen

La comida es, ante todo, cultura. Si consideramos la lengua como vehículo, producto y productor cultural (Galisson, 1991), es esencial combinar lengua y cultura en la enseñanza de lenguas extranjeras. Por lo tanto, optamos por trabajar el género textual: crónica, para analizar las ocurrencias de léxico culturalmente marcado del principal plato de la gastronomía brasileña: *feijão com arroz* (frijoles con arroz). Además de la gastronomía, podemos encontrar otros usos de *feijão com arroz*, como el sentido de lo completo, lo igual, lo banal y lo trivial, y también identificar si hay diferencia en el orden de uso "arroz con frijoles" o "frijoles con arroz" a través del humor brasileño en cuatro crónicas brasileñas. Considerando el contexto, este material puede ser relevante para el estudio de la enseñanza-aprendizaje del portugués como segunda lengua para extranjeros (PL2E).

Palabras clave: lexicultura, carga cultural compartilhada, cultura, interculturalidade, comida, crônicas, ensino de PL2E.

Resumo

Comida é, acima de tudo, cultura. Se considerarmos a língua como veículo, produto e produtor cultural (Galissson, 1991 cit. por Barbosa, 2009), é imprescindível que se alie língua e cultura no ensino de língua estrangeira. Por isso, optamos por trabalhar o gênero textual crônica para analisar as ocorrências do léxico culturalmente marcado do principal prato da gastronomia brasileira: o feijão com arroz. Além da gastronomia, podemos encontrar outros usos do feijão com arroz, como por exemplo, o sentido de completude, mesmice, coisas banais e triviais, e ainda identificar se há diferença na ordem de uso “arroz com feijão” ou “feijão com arroz” através do humor brasileiro, em quatro crônicas brasileiras. Levando em consideração o contexto, este material pode ser relevante para o estudo do ensino-aprendizagem de português como segunda língua para estrangeiros (PL2E).

Palavras-chave: lexicultura, carga cultural compartilhada, cultura, interculturalidade, comida, crônicas, ensino de PL2E.

Introdução

Lexicultura e Carga Cultural Compartilhada (CCC)

A comunicação humana depende do conhecimento compartilhado do mundo mantido pelas próprias pessoas que falam e interagem umas com as outras. Todos possuímos características ímpares da nossa própria cultura, que faz com que adquira um valor específico e único.

Falar de cultura é referir-se a um conceito extremamente complexo, que abrange um grande número de ideias em comum que caracterizam os membros de uma determinada comunidade e que os une em visões de mundo(s) sobre diferentes temas, comportamentos e atitudes Laraia (1986).

Se considerarmos a língua como veículo, produto e produtor cultural (Galisson, cit. por Barbosa, 1991), é preciso que se alie língua e cultura no ensino de língua estrangeira, pois o conhecimento da cultura do dia a dia (considerada cultura com “c” minúsculo), ou seja, do modo de viver e dos costumes de um país, pode ser decisivo para que os aprendizes interajam e se integrem mais facilmente com falantes nativos.

Quando nos referimos ao ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, podemos afirmar que o conhecimento lexical possui uma importante relevância. Conforme menciona Biderman (1998), o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana.

Porém, esse léxico não é evidente nem óbvio, pois uma mesma palavra pode conter mais de um sentido e há palavras que podem vir carregadas de referências culturais que nem sempre são tangíveis para um estudante de língua estrangeira.

Este trabalho tem como objetivo analisar as ocorrências do léxico culturalmente marcado do principal prato da gastronomia brasileira: o “feijão com arroz”. Pretende também especificar alguns exemplos desses usos como sentido de *completude, mesmice, coisas banais e triviais*, e ainda identificar se há diferença na ordem de uso “arroz com feijão” ou “feijão com arroz” através do humor brasileiro.

Sendo assim, este estudo pode colaborar com professores de Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E), ao demonstrar a relevância cultural dessas estruturas linguísticas e expressões para a formação da competência comunicativa, por meio do gênero crônicas que aborda o dia a dia e as diversas possibilidades de uso da língua nas interações sociais do cotidiano. Afinal, não é possível a apropriação nem o aprendizado de uma língua sem o conhecimento desses aspectos culturais.

Corpus e Análise

Neste artigo faremos a análise de trechos de oito crônicas que apresentam amostras linguísticas significativas quanto ao léxico culturalmente marcado com a expressão “feijão com arroz” para a pesquisa. O intuito é demonstrar que a lexicultura está presente em todos os gêneros textuais, inclusive na crônica.

Para isso dividiremos a análise em três grupos de crônicas: o primeiro será sobre a ordem de servir o prato: o feijão primeiro, arroz depois – com foco no humor. E o segundo grupo abordará as crônicas que tratam a questão cultural em si, isto é, “feijão com arroz” como uma combinação completa nas relações, prato básico e trivial, mesmice em um relacionamento. E o terceiro grupo abordará o feijão no sentido de afetividade.

O Humor como Questão Cultural

Para Laraia (2008, p. 69), pessoas de culturas diferentes riem de coisas diversas. [...]. “O riso é totalmente condicionado pelos padrões culturais, apesar de toda a sua fisiologia”. Já no humor, o riso representaria a "alegria que ele provoca pela inesperada verdade que não é engraçada, pois engraçada é a maneira como o humor nos faz chegar a ela". (Ziraldó, 1970:31 apud Travaglia, 1990 p. 65).

Segundo Travaglia (1990), o humor está indissoluvelmente ligado ao riso e é apenas o riso que diferencia o humor de outras formas de análise crítica do homem e da vida. Podemos concordar com o fato de que o humor não tem compromisso com o riso audível, a risada e a gargalhada que parece ser aquilo a que se referem quando desvinculam riso de humor, contudo ele tem compromisso com o riso entendido de forma mais ampla, como um movimento de satisfação do espírito, provocado por qualquer mecanismo humorístico, e que pode ficar no íntimo de quem "ri".

Nesta pesquisa, o fio condutor na seleção dos textos analisados foi, por um lado, o riso e o humor que caracterizam os textos dos autores selecionados.

Acreditamos que aplicar o senso de humor nas aulas de PL2E proporciona novas perspectivas para contemplar e analisar a realidade, pois revela maneiras divertidas de abordar o trabalho. Esse recurso também pode ser usado para introduzir estruturas gramaticais, vocabulário e a cultura popular. Ou seja, utilizar o humor é um convite ao lúdico e à criatividade. Além disso, permite construir materiais de ensino novos e originais.

Na crônica “Feijão com Arroz”, de Alfonso Padilha, observaremos o seguinte excerto:

Crônica 1.

Feijão com Arroz

Os dois estão num bar. Ela e ele. O silencio pesado entre os dois paira no ar. Ela finalmente fala.

- *Eu acho que a gente precisa dar um tempo.*
- *Oi?*
- *Eu quero me separar de você.*

(...)

- *É que você coloca o feijão em cima do arroz.*
 - *Oi?*
 - *Você. Coloca o arroz e depois o feijão.*
 - *Sim. Esse é o jeito certo.*
 - *Não, não é o jeito certo. O jeito certo é primeiro o feijão e depois o arroz.*
 - *Não, todo mundo coloca ao contrário.*
 - *Claro que não. Viu, por isso eu tô terminando.*
 - *Todo mundo faz assim. É o correto. Arroz depois feijão.*
 - *Não, claro que não.*
 - *É sim. Mas e se não for, você está terminando comigo só por isso?*
 - *Sim.*
 - *Não pode ser.*
 - *É.*
-

(Padilha, Alfonso. 11 de agosto de 2012)

Com o uso do humor, Afonso Padilha na crônica “Feijão com Arroz” explora o fim de um relacionamento, aparentemente quase perfeito, por uma mania que o companheiro tem de servir o feijão em cima do arroz e não ao contrário, como a maioria das pessoas “normais” o fazem. No entanto, uma das condições básicas para a existência de humor é que o produtor do humor, neste caso o cronista, e sua audiência, tenham um mundo partilhado. “Talvez um estrangeiro não entenda ou não vá rir da mesma coisa, pois do ponto de vista sociológico, sabe-se que o humor desempenha na sociedade um papel social e político com certas funções, que fazem com que esse se difira de sociedade para sociedade e de um período para o outro” (Travaglia, 1990 p. 59).

Além do humor, podemos dizer que sendo o feijão com arroz um prato básico presente no dia a dia do prato brasileiro, a companheira da crônica se cansou de, dia após dia, ter que lidar com essa insustentável mania do companheiro.

Provavelmente, para um aprendiz de PL2E que aprendeu somente que o feijão com arroz é um básico da gastronomia brasileira, presente no dicionário, não vá notar ou mesmo dar a devida importância que a ordem de servir o prato possa ter para uma pessoa a ponto de romper um relacionamento que parecia ter elementos mais difíceis de serem encontrados e compartilhados em um bom

relacionamento. “Na pragmática do humor há uma suspensão da lógica e do senso comum de cada dia para que haja humor”, como disse Travaglia (1990, p.62).

Para Benedict (apud Laraia, 2008) cultura é como uma lente através da qual se vê o mundo, como indivíduos de diferentes culturas veem o mundo de maneiras diferentes. Porém, às vezes, pessoas de uma mesma cultura também tendem a pensar em seu modo de vida como o mais correto e natural, como observamos na crônica.

Crônica 2.

O arroz por cima do feijão

Hoje passei por um importante dilema na minha vida: tive que colocar o arroz por cima do feijão. Não lembro de ter feito isso antes nas minhas quatro décadas de existência. A vida inteira sempre servi no prato primeiro o arroz para, depois, colocar o feijão por cima, com o caldinho penetrando alegremente nos pequenos espaços vazios que existem entre um grão de arroz e outro. Não sei se alguém faz o contrário, acredito que sim, mas eu, particularmente, nunquinha havia colocado o arroz por cima do feijão. E por que fiz isso agora? Será um sintoma da crise dos 40 me abocanhando?

[...] Admito que uma preguiçinha de esquentar o feijão na panela me dominou e resolvi fazer o experimento inédito na minha vida: servi duas colheradas de feijão e esquentei no micro. Depois, larguei o arroz por cima e misturei bem, tudo quentinho. E então, comi. Nada mal. Na prática, não percebi nenhuma diferença. Ou seja, se um garçom me servisse um prato feito com o arroz e o feijão misturados, eu não teria como saber se ele colocou o feijão por cima do arroz, ou vice-versa. Tu vê. Dilemas da vida

(Ritter, Eduardo - professor do Centro de Letras e Comunicação da UFPel)

Faz alguns anos desatou nas redes sociais como Twitter e Facebook a polêmica de como servir o feijão, se por cima do arroz ou por baixo, gerando divertidos memes e controvérsias. Para Travaglia (1990) o humor “é coisa séria” e permite a crítica onde ela seria impossível de outro modo.

Na crônica *O arroz por cima do feijão*, Ritter vai discernir sobre vários aspectos do feijão com arroz. Com humor, vai confessar o “dilema” de ter mudado o sentido de servir o prato, que por tantos anos foi feijão por baixo, para pôr o feijão por cima do arroz, não por uma crise de idade, mas por pura preguiça.

Assim como na primeira crônica, o exagero à mudança de um hábito causa impactos na vida cotidiana, e que se alguém se dispõe a mudar um costume tão arraigado culturalmente, pode acabar gostando do novo pois como ele menciona “nos acomodamos diante do que conhecemos e temos medo de mudanças, que muitas vezes, não mudam tanto assim, ou até mesmo melhoram as nossas vidas”. E ao longo da crônica ele vai comparando a preguiça de cozinhar com os últimos fatos ocorridos que deixaram de ser importantes. Putin poderia mudar o modo de ver o mundo, mas não abre mão da “posição correta do feijão e do arroz”. Assim como a banalização da violência, que passou a ser vista como “normal e básico” como um feijão com arroz.

É o sentido que atribuímos à alimentação e ao modo de vida que compõe a cultura. E para que algo seja visto como cultura, ela deve ter significado (Kramsch,

1993). Como afirma Barbosa (2009), “o conceito de lexicultura privilegia a consubstancialidade do léxico e da cultura e designa o valor que as palavras adquirem pelo uso que se faz delas”.

Para um aprendiz de PL2E, provavelmente, se ele procurar em um dicionário a palavra feijão com arroz, perceberá que esses sentidos não estarão claros. A lexicultura permite ao aprendiz compreender a cultura alheia, mas também refletir sobre a sua própria (Barbosa, 2009, apud Galisson, 1995).

Os Diferentes Sentidos de ‘Feijão com Arroz’

Para podermos analisar as seguintes crônicas, faremos um breve resumo das definições encontradas nos dicionários e os sentidos dados ao “feijão com arroz”.

Quadro 1 – Síntese dos verbetes pesquisados nos dicionários on-line

	Dicionário Informal	Dicionário Aulete	Dicionário Priberam
Feijão	Nome comum para uma grande variedade de sementes de plantas de alguns gêneros da família <i>Fabaceae</i> . Proporciona nutrientes essenciais como proteínas, ferro, cálcio, vitaminas (principalmente do complexo B), carboidratos e fibras.	1. Bot. Feijoeiro: plantação de feijão. 2. Bot. A semente ou a vagem do feijoeiro. 3. Cul. Essa semente cozida, temperada com alho, cebola etc. e, às vezes, junto com carnes salgadas e/ou legumes. O alimento, o pão necessário.	1. [Botânica] Semente do feijoeiro, vagem que contém essa semente, planta que produz essa vagem

		Único que incluiu uma <i>Nota Cultural</i> ¹	
Feijão com arroz	Comida típica do brasileiro; aquilo que pratica sempre; faz a mesma coisa	<ol style="list-style-type: none"> 1. Aquilo que se faz habitualmente, o trivial; 2. O que denota simplicidade, o que é comum: <i>Não se preocupou em estudar o feijão com arroz daquela matéria</i> 	Aquilo que se faz sempre da mesma maneira, por hábito, por rotina (ex.: os jogadores fizeram apenas o feijão-com-arroz)
Feijão-com-arroz (com hífen)	Expressão popular que significa uma coisa comum; habitual; uma coisa de rotina. <i>Fulano não fez gol, mas também só jogou o feijão-com-arroz</i>	Não foi encontrado o verbete	Mesma definição “feijão-com-arroz” ou “feijão com arroz” [Brasil, informal]
Arroz com feijão	Ainda não possui nenhuma definição.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coisa fácil de fazer ou resolver: <i>Isso aí para mim é um arroz com feijão</i> e 2. Algo comum, banal, sem brilho: <i>Esse time só joga o arroz com feijão. [Tb. se diz feijão com arroz]</i> 	Não foram encontrados resultados para a pesquisa

Quadro1. Elaborado por Márcia Tscherkas

¹ “O feijão é um dos alimentos básicos do regime alimentar dos brasileiros, e de grande utilização em todo o mundo, inclusive por ser rico em proteínas e em fibras e de fácil adaptação a solos e climas diversos. Cultivado desde a pré-história, o cruzamento de espécies criou centenas de variedades, algumas delas nativas do Brasil. É no Extremo Oriente que se encontra a maior área de cultivo do feijão. Alguns dos pratos mais característicos da culinária brasileira são à base de feijão, como a feijoada de feijão preto, o feijão tropeiro, o virado à paulista”.

Crônica 3.

Compleitude

Hoje enquanto ouvia a música “Eduardo e Mônica” da Legião Urbana, fiquei pensando naquela parte em que diz: “ele completa ela e vice e versa que nem feijão com arroz”. Será mesmo que existe casal assim ou isso não faz parte de uma idealização, aquilo que a gente sabe que não existe, mas tenta por pura teimosia? É que se por um lado a gente procura afinidades na pessoa com quem nos relacionamos, de outro lado não queremos cópias de nós mesmos, porque se assim fosse, nós nos bastaríamos (não eu e você, mas eu comigo).

(Machado, Carol. 22 de abril de 2012)

A crônica “Compleitude”, de Carol Machado é uma referência a combinação completa – e alguns nutricionistas até a chamam de combinação perfeita - que o feijão com arroz possui nutricionalmente, pois além de fornecerem diversos nutrientes, os aminoácidos que faltam em um alimento, você encontra em outro. E isso foi elevado ao sentido de relacionamento, quando um completa o outro, mesmo sendo tão diferentes.

A autora menciona a música “Eduardo e Mônica”² da banda Legião Urbana. A história da canção mostra um casal formado por pessoas bem diferentes uma da outra, mas que de uma certa forma acabam se apaixonando e fazendo o relacionamento dar certo.

² A canção está no álbum “Dois” do Legião Urbana, foi gravada em 1986 e a composição é de Renato Russo

*“E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, **que nem feijão com arroz**”*

Entre os brasileiros existe esse sentido que culturalmente vemos essa combinação como perfeita. Ao analisar o significado nos dicionários, observamos que *feijão com arroz* não está definida como completude, ou seja, a Carga Cultural Compartilhada (doravante CCC) não é contemplada. Também não há notas culturais com informações complementares.

É a cultura do cotidiano que se reflete na língua, a cultura com “c” minúsculo de Kramsch (2013), aquela que inclui a forma de comportar-se, comer, conversar e viver do nativo da língua. Portanto, entendemos que a crônica “Completude” se refere à música que, por sua vez, se refere a algo que não figura nos dicionários (léxico).

Crônica 4.

Que nem arroz com feijão

“Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?”

Conheço um casal “Eduardo e Monica”, mas na verdade chamam-se Yasmin e Isabel.

Yasmin e Isabel não são muito parecidas, uma de aries e a outra leonina, mas até que na idade e na altura elas acertam. Yasmin gosta de sair, se divertir com os amigos e ouvir música alta. Enquanto Isabel

gosta mais de ficar em casa, assistir um bom filme, enrolada em seus gatos. Isabel gosta de teatro e museu, Yasmin gosta de bar.

(Victoria Lott Cruz)

Na crônica “Que nem feijão com arroz”, a releitura da música “Eduardo e Mônica” é feita de maneira mais contemporânea, sobre um casal gay, Yasmin e Isabel. As letras de canções são grandes fontes de conhecimento e cumplicidade culturais vivenciados pelos nativos. No Brasil, a música possui uma presença expressiva no cotidiano da sociedade e pode ser considerada um elemento revelador do aspecto linguístico e cultural do país (Barbosa, 2009 p. 36).

Da mesma forma que na crônica anterior, o aprendiz de PLE precisa conhecer a música *Eduardo e Mônica* para entender o “link” e, principalmente, entender o título, pois a expressão *Que nem feijão com arroz* só aparece nele. Ou seja, é necessário entender a CCC entre brasileiros em relação ao léxico (feijão com arroz) para entender a cultura envolvida, o léxico culturalmente marcado.

Crônica 5.

Feijão com arroz!

E como é gostoso, principalmente se você souber dar o tempero pessoal neste prato.

Feijão com arroz é um prato que deixa saudades da casa da mamãe, da vovó, da casa da gente. Mas também serve para identificar a maneira mais simples, fácil e completa de se fazer alguma coisa ou tomar alguma decisão. Para muitos é um exemplo tão simplista de que deveria ser execrado e dispensado do dia a dia de quem deve tomar decisões. Mas por quê? Porque simplesmente, é simplesmente feijão com arroz.

Então está explicado porque algumas pessoas têm a mania de explicar uma fracassada união, no simples feijão com arroz de todo o santo dia. Nem sequer se dão ao trabalho de, por exemplo, pensar que um dia pode ser feijão com arroz, e no outro, arroz com feijão. Quanta falta de imaginação dirão vocês. Mas rebato isto lembrando que, no dia que é feijão com arroz, é porque tem mais feijão do que arroz, e no outro, mais arroz. Então, porque falta de imaginação?

(Rettenmaier, Jorge Antônio. 21 de agosto de 2012)

Nesta crônica podemos analisar mais de um uso para o “feijão com arroz”.

Ele [feijão com arroz] serve para identificar a maneira mais simples, fácil e completa de se fazer alguma coisa ou tomar alguma decisão. Apesar de não constar nos dicionários o termo completude, como vimos nos exemplos anteriores. Depois há uma menção a que os homens traem as mulheres porque enjoam comer “arroz com feijão todos os dias” Então está explicado porque algumas pessoas tem a mania de explicar uma **fracassada união, no simples feijão com arroz de todo o santo dia**. Ou seja, com um sentido completamente diferente àquele de combinação perfeita e amorosa. Aqui o sentido será o de mesmice nos relacionamentos, de algo negativo, que se repete todos os dias e que por cair na rotina, enjoa.

Em seguida, a referência será sobre a ordem de servir o prato, que também está relacionado à mesmice: no dia que é feijão com arroz, é porque tem mais feijão do que arroz, e no outro, mais arroz. Mudar a ordem do prato poderia ser uma forma de sair dessa rotina. De acordo com o pesquisado nos dicionários, não

é possível encontrar o significado apropriado para a diferença entre feijão com arroz ou arroz com feijão.

Segundo Biderman (1998, p. 73 apud Barbosa, 2009 p. 32), “o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”. No entanto, o léxico não é evidente nem óbvio, pois uma mesma palavra pode conter mais de um sentido denotativo ou conotativo, e há palavras que podem vir carregadas de referências culturais que nem sempre são tangíveis para um aprendiz de língua estrangeira.

Esse fato corrobora para as afirmações de Galisson (1991) quanto à ausência da carga cultural compartilhada em grande parte dos dicionários.

Crônica 6.

Cardápio da alma

Arroz, feijão, bife, ovo. Isso nós temos no prato, é a fonte de energia que nos faz levantar de manhã e sair para trabalhar. Nossa meta primeira é a sobrevivência do corpo. Mas como anda a dieta da alma?

(...) Arroz, feijão, bife, ovo. Isso me mantém de pé, mas não acaba com meu cansaço diante de uma vida que, se eu me descuido, torna-se repetitiva, monótona, entediante. Mas nada de descuido. Vou me entupir de calorias na alma. Há fartas sugestões no cardápio. Quero engordar no lugar certo. O ritmo dos dias é tão intenso que às vezes a gente esquece de se alimentar direito.

24 de fevereiro de 2004

(Medeiros, Martha. 2016. p. 62-63)

Nessa crônica, o arroz, feijão, ovo, bife são alimentos imprescindíveis para o cérebro e para os comandos que ele envia ao corpo: andar, correr, sentar, pensar, ou seja, o básico da nossa alimentação. No entanto, como alimentarmos a alma cotidianamente, sem ser repetitiva, monótona ou entediante? Na crônica a autora propõe outro tipo de alimentação “*Para alimentar a alma, é obrigatório sair de casa. Sair à caça. Perseguir.*”

Em um contexto de ensino, o aprendiz deve compreender que é necessário conhecer uma palavra em sua totalidade, assim como ser capaz de conceituá-la, inseri-la em frases com diferentes sentidos, substituí-la e recuperá-la em diversos usos de modo eficiente.

Para Barbosa (2008), fundamentada em Galisson (1991), “uma das características para CCC é que ela provém da subjetividade dos locutores coletivos, que interpretam um elemento em função de sua visão de mundo. Torna-se objetiva enquanto subjetividade coletiva, mas se afunda na dimensão do subjetivo para os estranhos à coletividade que a mantém”.

Crônica 7.

Diminutivos - Luís Fernando Veríssimo

[...] No Brasil, usa-se o diminutivo principalmente em relação à comida. Nada nos desperta sentimentos tão carinhosos quanto uma boa comidinha.

- Mais um feijãozinho?

O **feijãozinho** passou dois dias borbulhando num daqueles caldeirões de antropófagos com capacidade para três missionários. Leva porcos inteiros, todos os miúdos e temperos conhecidos e, parece, um missionário. Mas a dona de casa o trata como um mingau de todos os dias.

- Mais um **feijãozinho**?
- Um pouquinho.
- E uma farofinha?
- Ao lado do arrozinho?
- Isso.
- E quem sabe mais uma cervejinha?
- Obrigadinho.

(Veríssimo, Luís Fernando)

Crônica 8.

A crônica do feijão

*E enquanto a panela de pressão trabalha, eu reencontro muito de mim naquele cheiro, **vejo meu pai dizendo “Coloca feijão aí, menina”, e eu já sabia que aquilo era carinho em estado bruto.** Toda cozinha tem um aroma muito próprio, na casa dos meus pais, a cozinha cheira a fogo de lenha. Por aqui a vida é tão apressada que eu esqueço de sentir os cheiros. Agora meu feijão toma conta da casa, sai pela rua, caminha pelo quarteirão, quer se jogar no mundo.*

Cozinhar não é só sobrevivência. Talvez alguém se lembre do gosto desse feijão em um futuro distante. Não só do sabor, mas do cheiro. Gosto de pensar nessa possibilidade. Gosto de me imaginar numa cozinha enorme e brilhante com os mesmos cinco ingredientes e fazer o mesmo feijão.

*Um segredo: seus pais sempre estiveram certos: **é o feijão que dá força.** Pra mim tem funcionado.*

(Dantas Ana Clara . 13 de julho de 2018, 07:54)
<https://saibamais.jor.br/2018/07/a-cronica-do-feijao/>

Nas crônicas “Diminutivo”, de Luis Fernando Veríssimo e “A crônica do feijão”, de Ana Clara Dantas, podemos perceber que a comida é, acima de tudo, cultura. Aquilo que comemos, como comemos, quando e onde comemos é resultado de acumulações, que fazem parte da nossa história de vida, do ambiente em que estamos inseridos e das relações que estabelecemos com os outros na construção da nossa própria identidade. Somos culturalmente movidos pelo afeto e a comida faz parte desse contexto de demonstração de afeto.

Entre os latinos é um costume sentarem-se todos à mesa, com o chefe na cabeceira, e somente iniciar a alimentação, em alguns casos, após uma prece, ou seja, “o ato de comer é um verdadeiro rito social”, segundo Laraia (1986 p. 72). Um dos aspectos que torna nossa cultura perene reside nas memórias que dela guardamos e reproduzimos, seja de seus símbolos, práticas, rituais, etc. E muitas vezes essa afetividade é aplicada àquelas comidas simples, preparadas no conforto do nosso lar e que nos trazem essa tal memória gustativa. Junto com a primeira garfada, logo vêm os sentimentos de colo de mãe, segurança e afeto. É essa dimensão cultural no contexto do ensino de línguas estrangeiras, que faz com que cada língua organize a sua visão de mundo, através das palavras e unidades lexicais. (Barbosa, 2009).

Para Galisson (1987, cit. por Barbosa 2009), o valor implícito que a associação de um lugar se dá com um produto, neste caso, com a gastronomia,

alude essa carga cultural para além do sentido denotativo encontrado nos dicionários.

Como um exemplo da segunda crônica **“é o feijão que dá força”** podemos analisá-la como uma força nutricional, derivada do ferro do feijão, ou mesmo a força motivacional que os seus pais davam para a vida em si.

A ênfase que se vem dando atualmente no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira é a interculturalidade, a formação de "falantes interculturais", atores capazes, adaptáveis e mediadores em contextos globalizados. E para isso, é necessário ir além da proficiência linguística e compreender como funciona a interação entre as culturas.

Como foi mencionado por Kramersch (2013), o ensino de línguas estrangeiras crítico e intercultural se refere ao processo de descentramento, de relativização do Eu e do Outro, num esforço para entendê-los ambos em suas próprias condições, a partir de suas próprias perspectivas.

Como podemos observar, uma mesma crônica pode apresentar mais de um sentido para o prato, como foi o caso das crônicas Feijão com arroz! de Antônio Jorge Rettenmaier - posta entre parênteses - que possui sentido de mesmice nos relacionamentos, assim como uma diferença na ordem de servir o prato.

Se o léxico se organiza de acordo com a realidade dos falantes, poderíamos afirmar que os sentidos mais representativos que encontramos nas crônicas analisadas foram o de mesmice e trivial, assim como o de afetividade ao prato. Embora na maioria das crônicas analisadas possamos encontrar significado nos dicionários, o processo da construção lexical a partir dos contextos em que os falantes vivenciam vão sendo ressignificados ou ampliados a fim de expressar e materializar, por meio da linguagem, situações e informações aplicáveis àquela realidade compartilhada. No entanto, é no ato de comer, servir e cozinhar que fez com que o feijão com arroz fosse, ao longo do tempo, acumulando a sua carga cultural, refletindo na língua a cultura do cotidiano brasileiro.

Considerações Finais

Para a presente pesquisa, buscamos, através das crônicas e de alguns conceitos lexicológicos, culturais e interculturais, explicitar a carga cultural presente no léxico “feijão com arroz”, tomando como pressuposto a indissociabilidade entre língua e cultura.

Nessa perspectiva, as crônicas analisadas neste trabalho mostram como a comida é, acima de tudo, cultura. Aquilo que comemos, como comemos, quando e onde comemos é resultado de acumulações que fazem parte da nossa história de vida, do ambiente em que estamos inseridos e das relações que estabelecemos com os outros na construção da nossa própria identidade.

Vimos que uma mesma expressão “feijão com arroz” possui sentidos diferentes: pode indicar o trivial, o básico na vida, porque o prato é consumido

quase que diariamente em todas as casas brasileiras. É completa porque nutricionalmente falando é vista assim, como uma combinação perfeita, e isso é transferido para os relacionamentos. Comer feijão é ficar mais forte, física e psicologicamente, e colocar mais água no feijão possibilita agregar, reunir-se, festejar ou mesmo alimentar quem não tem condições naquele momento. Além disso, a ordem de servir o prato pode até levar a um sentido de humor exagerado, como a ruptura de um relacionamento.

O professor de PL2E deve ficar atento ao fato de que todas as possibilidades vistas têm origem no valor cultural da comida para a nossa sociedade. Os atos de comer, servir e cozinhar fizeram com que o feijão e o arroz fosse, ao longo do tempo, acumulando a sua carga cultural, refletindo na língua a cultura do cotidiano brasileiro.

Utilizamos um corpus disponível online de oito crônicas para extrair amostras com o intuito de observar os padrões lexicais dos verbetes selecionados para a presente pesquisa e a relação que o léxico possui com a interculturalidade e com os aspectos culturais, também abordados no decorrer da pesquisa.

Os usos pragmáticos da crônica sempre foram diversos, desde ficção e realidade; presente e passado; literatura e jornalismo; empírica e poética. Esse gênero parece uma conversa descontraída ente o autor e o leitor, na qual apresenta o cotidiano, como um “feijão com arroz”. Como diria Luís Fernando Veríssimo, “a

crônica é um gênero literário indefinido, em que cabe tudo, do universo ao nosso umbigo, e a gente aproveita essa liberdade”.

Por ser frequentemente associada à história vivencial, à experiência que só pode ser conhecida pela voz de quem a viveu, a crônica pode constituir uma boa fonte de estudo para a aplicação do ensino de PL2E.

Se focarmos no aspecto estritamente linguístico, o conteúdo cultural geralmente está em desvantagem nas aulas de PL2E, com materiais didáticos e questões culturais muitas vezes simplificadas e carregadas de estereótipos. Os professores também devem sair do básico (léxico) – essencial para a nutrição de uma aula - e alimentar-se de cultura, essencial para o entendimento do Outro.

Referências Bibliográficas

Barbosa, L. M. de A. (2009). O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino- aprendizagem de português língua estrangeira. In.: Filologia E Linguística Portuguesa, vol. 10-11, pp. 31-41. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i10-11p31-41>

Biderman, M.T.C. (1996) Léxico e vocabulário fundamental. Alfa: Revista de Linguística. São Paulo, v.40, 1996, pp. 27-46. Disponível <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>

(1998) Dimensões da palavra. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 2, p. 81-118. Disponível: https://dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf

Kramsch, C. (2017). Cultura no ensino de língua estrangeira. In Bakhtiniana, São Paulo, p. 134- 152. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/viewFile/33606/23585>

Laraia, R. B.. (1986 22ª ed). Cultura: um conceito antropológico. Jorge "Zahar" Editora. Recuperado de https://www.academia.edu/38962598/LARAIA_Roque_de_Barros_Cultura_um_conceito_antropol%C3%B3gico_pdf_

Travaglia, L.C. (1990). Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 6, n. 1, pp. 55-82

Cronistas:

Cruz, L. V. (2016) Que nem feijão com arroz <https://contramao.una.br/que-nem-feijao-com-arroz/>

Dantas, A. C. (2018) A crônica do feijão <https://saibamais.jor.br/2018/07/a-cronica-do-feijao/>

Machado, C. (2012) Completude <https://abstratoreal.wordpress.com/2012/04/22/completude/>

Medeiros, M. (2016) Coisas da Vida. Porto Alegre, RS: L&PM. p.62-63 <https://www.pensador.com/frase/MjA2NzE0/>

Padilha, A. (2012) Feijão com arroz <https://www.recantodasletras.com.br/humor/3825583>.

Ritter, E. (2016). O arroz por cima do feijão <https://www.diariopopular.com.br/opiniaio/o-arroz-por-cima-do-feijao-169042/>

Rettenmaier, J. A. (2012), Feijão com arroz! <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/3841296>

Verissimo. L. F. Diminutivos. In. Comédia da vida privada. 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: LP&M, 1994.

Dicionarios On-line
Dicionario Caldas Aulete in Dicionario Aulete Digital, <https://www.aulete.com.br/feijao%20com%20arroz>

Dicionario Informal in Dicionario Informal <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/feijao-com-arroz/1088/>

Dicionario Priberam (2008-2021) in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2021 <https://dicionario.priberam.org/feij%C3%A3o%20com%20arroz>

Crônicas Completas

Crônica 1.

Feijão com Arroz

Os dois estão num bar. Ela e ele. O silêncio pesado entre os dois paira no ar. Ele finalmente fala.

- Eu acho que a gente precisa dar um tempo.
- Oi?
- Eu quero me separar de você.
- Como assim? Nós nos damos tão bem.
- Sim, eu sei.
- Eu deixo você ir jogar bola com os seus amigos.
- É.
- Cozinho pra você.
- A melhor comida que eu já comi.
- Gosto de filmes de ação.
- Gosta mesmo, né?! Nunca vi você vendo uma comédia romântica.
- O sexo é bom.
- Nossa o sexo. Com certeza nunca vou conseguir um sexo melhor que com você.

- Então, não deixa esse sexo acabar. Aliás, vamos fazer isso agora. Vamos, para o carro.

- Vamos.

Os dois levantam. Ele para.

- Não, eu não posso me deixar levar pelo sexo.
- Não estou te entendendo
- Deixa eu ver como eu posso falar isso...
- Você tem outra... Sabia!
- Não, eu não tenho outra. Nunca faria isso com você.

- Então o que é?

Silêncio

- Fala!

- É que você coloca o feijão em cima do arroz.

- Oi?

- Você. Coloca o arroz e depois o feijão.

- Sim. Esse é o jeito certo.

- Não, não é o jeito certo. O jeito certo é primeiro o feijão e depois o arroz.

- Não, todo mundo coloca ao contrário.

- Claro que não. Viu, por isso eu tô terminando.

- Todo mundo faz assim. É o correto. Arroz depois feijão.

- Não, claro que não.

- É sim. Mas e se não for, você está terminando comigo só por isso?

- Sim.

- Não pode ser.

- É.

- Se é mesmo, acho que é o melhor, porque você é um louco.

Fala, pega a bolsa e vai embora. Ele fica em silêncio. Chama o garçom, que se aproxima.

- Pois não.

- Você coloca primeiro o arroz, ou o feijão?

- Oi?

- Quando você vai comer, coloca o feijão por baixo ou por cima do arroz?

- Por cima.

- Caramba, ou seja, eu é quem estava errado.

Tira um dinheiro do bolso, deixa em cima da mesa e vai atrás dela

(PADILHA, Alfonso. 11 de agosto de 2012)

Crônica 2.

O arroz por cima do feijão

Hoje passei por um importante dilema na minha vida: tive que colocar o arroz por cima do feijão. Não lembro de ter feito isso antes nas minhas quatro décadas de existência. A vida inteira sempre servi no prato primeiro o arroz para, depois, colocar o feijão por cima, com o caldinho penetrando alegremente nos pequenos espaços vazios que existem entre um grão de arroz e outro. Não sei se alguém faz o contrário, acredito que sim, mas eu, particularmente, nunquinha havia colocado o arroz por cima do feijão. E por que fiz isso agora? Será um sintoma da crise dos 40 me abocanhando? Não, caro leitor. Fiz isso um pouco por preguiça e outro pouco por necessidade. Explico.

De uns tempos para cá, por pura necessidade, tive que aprender a cozinhar. Ok, não é nada que se diga, "nossa, como o Eduardo cozinha!", mas dá para sobreviver com as minhas gororobas. Então, fiz arroz, frango frito e batata cozida (minha especialidade). Com tudo pronto, tirei a panelinha do feijão da geladeira. Olhei aquilo tudo e pensei: "putz grilas, tá tudo quentinho, menos o feijão! E agora, santo Deus?". Foi aí que pensei em aquecer o feijão no fogão mesmo, porém, nesse caso, as outras comidas iriam esfriar, enquanto apenas o feijão esquentaria... Eis que surgiu o dilema: colocar o feijão sozinho no micro-ondas e largar depois o arroz por cima ou esquentar o feijão na panela e arriscar que o resto esfrie?

Admito que uma preguicinha de esquentar o feijão na panela me dominou e resolvi fazer o experimento inédito na minha vida: servi duas colheradas de feijão e esquentei no micro. Depois, larguei o arroz por cima e misturei bem, tudo quentinho. E então, comi. Nada mal. Na prática, não percebi nenhuma diferença. Ou seja, se um garçom me servisse um prato feito com o arroz e o feijão misturados, eu não teria como saber se ele colocou o feijão por cima do arroz, ou vice-versa. Tu vê. Dilemas da vida

Eu poderia relacionar essa pequena história com vários assuntos contemporâneos, como orientam os manuais da boa crônica. Poderia dizer que nos acomodamos diante do que conhecemos e temos medo de mudanças, que muitas

vezes, não mudam tanto assim, ou até mesmo melhoram as nossas vidas. Ou, senão, poderia relacionar com a guerra na Ucrânia, dizendo que o ditador Putin quer fazer as coisas do jeito antigo, do jeito que ele aprendeu, e agora quer ir até o fim porque tem medo de colocar o arroz dele por cima do feijão. Ou poderia relacionar com a banalização da violência no futebol, pois no Brasil, briga entre torcidas e agressões a jogadores e outros profissionais da área se tornaram "normais", ou seja, é o nosso feijão por cima do arroz. Mas, não vou fazer nada disso.

Estou ficando cada vez mais de saco cheio dos especialistas de tudo que não dão nem um segundinho de descanso nas redes sociais. Todo mundo quer decretar as suas verdades absolutas para os outros, sem nenhuma opinião contraditória. E o tema principal são os conflitos: Lula x Bolsonaro, Rússia/Putin x Ucrânia/Otan/EUA, Grêmio x Inter e por aí afora. Por isso, meus amigos, resolvi compartilhar com vocês essa minha experiência de ter comido pela primeira vez na vida o arroz sendo servido por cima do feijão. Não é tão ruim. Vocês deveriam experimentar! Um bom final de semana a todos

(Ritter, Eduardo - professor do Centro de Letras e Comunicação da UFPel)

Crônica 3

Compleitude

Hoje enquanto ouvia a música "Eduardo e Mônica" da legião urbana, fiquei pensando naquela parte em que diz: "ele completa ela e vice e versa que nem feijão com arroz". Será mesmo que existe casal assim ou isso não faz parte de uma idealização, aquilo que a gente sabe que não existe, mas tenta por pura teimosia? É que se por um lado a gente procura afinidades na pessoa com quem nos relacionamos, de outro lado não queremos cópias de nós mesmos, porque se assim fosse, nós nos

bastaríamos (não eu e você, mas eu comigo).

Quando a gente pensa em ter alguém, a tendência é sempre se interessar por pessoas com gostos similares aos nossos: Livros, músicas, filmes, lugares e ideias em geral.

Mas também apreciamos as diferenças, porque elas nos permitem experimentar e possivelmente mudar de opinião. Namorar pessoas iguais à gente pode ser muito bom no começo, mas logo a falta de “novidades” nos entediará, talvez seja por isso que os casais reclamam tanto da rotina em um dado momento do casamento, é que a gente acaba se tornando parecido com o outro, com o passar do tempo.

Como o casal, Eduardo e Mônica tão diferentes conseguiram ficar juntos? – Porque a gente deve na verdade se ajustar à pessoa e esta a nós. Isso deve ser apenas um processo de adequação e jamais de mudança. Porque ninguém muda a sua essência de forma verdadeira, motivada por outrem.

Adequação ao mundo de outra pessoa é tão complicado quanto pode parecer, é respeitar os limites alheios sem no entanto ultrapassar ou desrespeitar os próprios. Eduardo e Mônica eram extremamente diferentes, mas souberam usar isso a favor deles. Eles aprendiam mutuamente, cresciam e se respeitavam, e com isso, conseguiram ser felizes.

A tarefa de completar-se é uma das mais árduas em um relacionamento e isso ultrapassa os limites do amor, da paixão e do querer ficar bem. Completar-se é exercício diário de respeito e do ato de doar-se, é difícil e por isso deve ser objeto de cobiça entre o casal, pois só assim conseguirão o para sempre que todos desejam.

Que cada um de nós possamos encontrar nosso Eduardo e Mônica pela vida, porque eles sempre se completam como arroz e feijão.

(MACHADO, Carol. 22 de abril de 2012)

Crônica 4

"Que nem arroz com feijão".

“Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração?”

Conheço um casal “Eduardo e Monica”, mas na verdade chamam-se Yasmin e Isabel.

Yasmin e Isabel não são muito parecidas, uma de aries e a outra leonina, mas até que na idade e na altura elas acertam. Yasmin gosta de sair, se divertir com os amigos e ouvir música alta. Enquanto Isabel gosta mais de ficar em casa, assistir um bom filme, enrolada em seus gatos. Isabel gosta de teatro e museu, Yasmin gosta de bar.

Se conheceram em uma festa, o primeiro assunto de “YasBel” foi sobre churrasquinho. Elas então trocaram telefone e decidiram um dia se encontrar. Yasmin sugeriu balada, já Isabel queria algo mais romântico – Que tal um jantar?

Se encontraram, então, na Praça da Liberdade. As duas foram de ônibus. Isabel achou melhor não comentar, mas estava cada dia mais apaixonada pela pequena japonesa de olhinhos puxados. Yasmin achou melhor espalhar e contou pra todo mundo que tinha encontrado sua alma gêmea. Semanas após, Yasmin pediu Isabel em namoro, esta não hesitou e aceitou.

E, mesmo com tudo diferente, veio mesmo de repente uma vontade de se ver. E as duas se encontram, até hoje, todos os dias. Ou melhor, uma mora na casa da outra. Eduardo e Monica, (ops) Yasmin e Isabel fizeram aulinhas de dança, bambolê, festas e mais dezenas de coisas juntas, e todo ano viajam juntas. Yasmin explica pra Isabel coisas como o céu, a terra, a água e o ar. Isabel aprendeu a beber (ela até sabia, mas graduou no assunto). E elas, sempre quando podem, comem churrasquinho.

Isabel forma- se este ano, elas têm muito que comemorar! Yasmin passou no vestibular, há 2 anos, e cursa publicidade. As duas comemoram juntas e brigam (muito) juntas. E todo mundo diz que uma completa a outra e vice-versa. Não sei muito bem sobre o futuro das duas, mas espero que elas construam uma casa, tenham gêmeos (ou o que quiserem). Ah! E que nenhum de seus filhos fique de recuperação nas férias.

(Victoria Lott Cruz out 26, 2016)

Crônica 5

Feijão com arroz!

E como é gostoso, principalmente se você souber dar o tempero pessoal neste prato.

Feijão com arroz é um prato que deixa saudades da casa da mamãe, da vovó, da casa da gente. Mas também serve para identificar a maneira mais simples, fácil e completa de se fazer alguma coisa ou tomar alguma decisão. Para muitos é um exemplo tão simplista de que deveria ser execrado e dispensado do dia a dia de quem deve tomar decisões. Mas por quê? Porque simplesmente, é simplesmente feijão com arroz.

Então está explicado porque algumas pessoas têm a mania de explicar uma fracassada união, no simples feijão com arroz de todo o santo dia. Nem sequer se dão ao trabalho de, por exemplo, pensar que um dia pode ser feijão com arroz, e no outro, arroz com feijão. Quanta falta de imaginação dirão vocês. Mas rebato isto lembrando que, no dia que é feijão com arroz, é porque tem mais feijão do que arroz, e no outro, mais arroz. Então, porque falta de imaginação?

Você quer perder um amigo, lhe sirva feijão sem tempero ou arroz sem sal. Ou então o feijão duro e o arroz em papa. É o mais aconselhável para quem quer um perfeito espanta freguês de sua mesa.

Um prato de feijão com arroz é tão gostoso, que tem gente que não é capaz de fazer uma refeição com todos os tipos de carnes e saladas a disposição, sem que esteja também presente o arroz com feijão, ou o feijão com arroz, ou ainda, feijão e arroz. Se formos prestar bastante atenção na hora em que nos servimos do almoço, o que colocamos primeiro no prato? Feijão e arroz? Não diga!

Pode até ser que feijão com arroz todo o santo dia, canse. Mas não se soubermos, por exemplo, usar nossa criatividade e deixar o feijão com arroz de todo o dia, mais gostoso.

O saborzinho do feijão nosso de cada dia na certa ficará mais gostoso, mas muito mais gostoso mesmo, se colocarmos a cebolinha verde da ousadia, a salsa da esperança e a paz da cebola, picados bem pequenininhos e depois degustados devagarzinho, sem pressa.

E então? Está servido?

(RETTENMAIER, Jorge Antônio. 21 de agosto de 2012)

Crônica 6

Cardápio da alma

Arroz, feijão, bife, ovo. Isso nós temos no prato, é a fonte de energia que nos faz levantar de manhã e sair para trabalhar. Nossa meta primeira é a sobrevivência do corpo. Mas como anda a dieta da alma?

Outro dia, no meio da tarde, senti uma fome me revirando por dentro. Uma fome que me deixou melancólica. Me dei conta de que estava indo pouco ao cinema, conversando pouco com as pessoas, e senti uma abstinência de viajar que me deixou até meio tonta. Minha geladeira, afortunadamente, está cheia, e ando até um pouco acima do meu peso ideal, mas me senti desnutrida. Você já se sentiu assim também, precisando se alimentar?

Revista, jornal, internet, isso tudo nos informa, nos situa no mundo, mas não sacia. A informação entra dentro da casa da gente em doses cavalares e nos encontra passivos, a gente apenas seleciona o que nos interessa e despreza o

resto, e nem levantamos da cadeira neste processo. Para alimentar a alma, é obrigatório sair de casa. Sair à caça. Perseguir.

Se não há silêncio a sua volta, cace o silêncio onde ele se esconde, pegue uma estradinha de terra batida, visite um sítio, uma cachoeira, ou vá para a beira da praia, o litoral é bonito nesta época, tem uma luz diferente, o mar parece maior, há menos gente.

Cace o afeto, procure quem você gosta de verdade, tire férias de rancores e mágoas, abrace forte, sorria, permita que lhe cacem também. Cace a liberdade que anda tão rara, liberdade de pensamento, de atitudes, vá ao encontro de tudo que não tem regras, patrulha, horários. Cace o amanhã, o novo, o que ainda não foi contaminado por críticas, modismos, conceitos, vá atrás do que é surpreendente, o que se expande na sua frente, o que lhe provoca prazer de olhar, sentir, sorver. Entre numa galeria de arte. Vá assistir a um filme de um diretor que não conhece. Olhe para sua cidade com olhos de estrangeiro, como se você fosse um turista. Abra portas. E páginas.

Arroz, feijão, bife, ovo. Isso me mantém de pé, mas não acaba com meu cansaço diante de uma vida que, se eu me descuido, torna-se repetitiva, monótona, entediante. Mas nada de descuido. Vou me entupir de calorias na alma. Há fartas sugestões no cardápio. Quero engordar no lugar certo. O ritmo dos dias é tão intenso que às vezes a gente esquece de se alimentar direito.

24 de fevereiro de 2004

(Coisas da Vida: Crônicas de Martha Medeiros – Porto Alegre, RS: L&PM, 2016 p.62-63)

Crônica 7

Diminutivos - Luís Fernando Veríssimo

Sempre pensei que ninguém batia o brasileiro no uso do diminutivo, essa nossa mania de reduzir tudo à mínima dimensão, seja um cafezinho, um cineminha

ou uma vidinha. Só o que varia é a inflexão da voz. Se alguém diz, por exemplo, "Ô vidinha", você sabe que ele está se referindo a uma vida com todas as mordomias. Nem é uma vida, é um comercial de cigarro com longa metragem. Um vidão. Mas se disser "Ah vidinha..." o coitado está se queixando dela, e com toda a razão. Há anos que o seu único divertimento é tirar sapatos e fazer xixi. Mas nos dois casos o diminutivo é usado com o mesmo carinho.

O francês tem o seu "tout petit peu", que não é um diminutivo, é um exagero. Um "pouco todo pequeno" é muita explicação para tão pouco. Os mexicanos usam o "poco", o "poquito" e -- menos ainda que o "poquito" -- o "poquetín". Mas ninguém bate o brasileiro.

Era o que eu pensava até o dia, na Itália, em que ouvi alguém dizer que alguma coisa duraria um "mezzoretto". Não sei se a grafia é essa mesma, mas um povo que consegue, numa palavra, reduzir uma meia hora de tamanho -- e você não tem nenhuma dúvida de que um "mezzoretto" dura os mesmos trinta minutos de uma meia hora convencional, mas passa muito mais depressa -- é invencível em matéria de diminutivo.

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais.

"Operação", por exemplo. É uma palavra assustadora. Pior do que "intervenção cirúrgica", porque promete uma intervenção muito mais radical nos intestinos. Uma operação certamente durará horas e os resultados são incertos. Suas chances de sobreviver a uma operação... sei não. Melhor se preparar para o pior.

Já uma operaçãozinha é uma mera formalidade. Anestesia local e duas aspirinas depois. Uma coisa tão banal que quase dispensa a presença do paciente.

[...]

No Brasil, usa-se o diminutivo principalmente em relação à comida. Nada nos desperta sentimentos tão carinhosos quanto uma boa comidinha.

- Mais um feijãozinho?

O feijãozinho passou dois dias borbulhando num daqueles caldeirões de antropófagos com capacidade para três missionários. Leva porcos inteiros, todos os miúdos e temperos conhecidos e, parece, um missionário. Mas a dona de casa o trata como um mingau de todos os dias.

- Mais um feijãozinho?

- Um pouquinho.

- E uma farofinha?

- Ao lado do arrozinho?

- Isso.

- E quem sabe mais uma cervejinha?

- Obrigadinho.

O diminutivo é também uma forma de disfarçar o nosso entusiasmo pelas grandes porções. E tem um efeito psicológico inegável. Você pode passar horas tomando "cervejinha" em cima de "cervejinha" sem nenhum dos efeitos que sofreria depois de apenas duas cervejas.

- E agora, um docinho.

E surge um tacho de ambrosia que é um porta-aviões.

(VERÍSSIMO, Luís Fernando)

Crônica 8

A crônica do feijão

Eu nunca cozinhei feijão até os 23 anos. Melhor. Eu nunca precisei. A gente se acostuma com a disposição materna (ou paterna!) e esquece que a comida não surge ali no prato. E mais, você descobre que a vida não é como nas novelas e pessoas pobres não podem comer fora todos os dias. Então, decidimos e precisamos cozinhar.

Foi assim comigo. Fui subindo degraus. Primeiro um ovo frito, depois um macarrão, o arroz, um franguinho. Durante um tempo, meus dotes culinários estacionaram no feijão. Não é que eu tentei e deu errado. É que eu nem tentei. Sempre soube que era muito difícil, portanto, nunca conseguiria. Isso chama-se auto-sabotagem, pessoal. Não façam com vocês.

Mas um dia no mercado me deparo com uma promoção. Sim, de feijão. Era o destino me dizendo: “Vai, enfrenta seus medos”. Enquanto pessoas se preocupavam com coisas como desemprego, amor não correspondido e horóscopo, eu estava intrigada com o famigerado alimento rico em ferro e proteínas e amado pelos brasileiros.

Primeira atitude: digito no Google “Rita Lobo Feijão”. Se a Rita Lobo ensinasse matemática, eu não teria feito humanas. Em cinco minutos aprendi que você não precisa mais do que cinco ingredientes pra fazer um feijão simples e honesto. Problema resolvido então? Não. Demorei um mês pra colocar em prática. Lembram da auto-sabotagem? É dose...

Numa sexta-feira eu estava entregue a tristeza depois de ser rejeitada em mais uma entrevista de emprego. Refleti sobre a vida, o cenário social, político e econômico do Brasil e... decidi fazer feijão. É mais barato que terapia.

E enquanto a panela de pressão trabalha, eu reencontro muito de mim naquele cheiro, vejo meu pai dizendo “Coloca feijão aí, menina”, e eu já sabia que aquilo era carinho em estado bruto. Toda cozinha tem um aroma muito próprio, na casa dos meus pais, a cozinha cheira a fogo de lenha. Por aqui a vida é tão apressada que eu esqueço de sentir os cheiros. Agora meu feijão toma conta da casa, sai pela rua, caminha pelo quarteirão, quer se jogar no mundo.

Cozinhar não é só sobrevivência. Talvez alguém se lembre do gosto desse feijão em um futuro distante. Não só do sabor, mas do cheiro. Gosto de pensar nessa possibilidade. Gosto de me imaginar numa cozinha enorme e brilhante com os mesmos cinco ingredientes e fazer o mesmo feijão.

Um segredo: seus pais sempre estiveram certos: é o feijão que dá força. Pra mim tem funcionado.

(DANTAS. Ana Clara . 13 de julho de 2018)